



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Conféderação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.^o
Lisboa - PORTUGAL
Edu. telef. Telégrafo - Lisboa - Telefone: 2100
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Os intelectuais e o operariado

Falou-se aqui há poucos dias da adesão dum certo número de intelectuais portugueses às modernas correntes socialistas. A notícia por si só não tinha absoluto fundamento. Contudo, nem por isso deixa de notar-se uma certa marcha para as esquerdas das chamadas classes intelectuais, e hoje um, amanhã outro, a pouco e pouco engrossa o número de pessoas cultas e esclarecidas que declaram haver-se convertido das sublimes verdades do socialismo revolucionário.

Nem doutra maneira podia ser. Como poderia realmente denominar-se de intelectual o homem que não levava ainda a sua observação ao ponto de verificar o erro, o trombão e iniquo que o actual arranjo social representa, ou que seja dotado dum a cegueira mental que o impossibilita de ver o que é bem visível, bem patente, bem palpável, que o impeça de atentar nos esforços sucessivamente mais próximos de êxito, das massas oprimidas para libertar-se e implantar no mundo uma nova era de equidade e de justiça?

Todavia, tem de reconhecer-se que a maioria, a grande maioria dos chamados intelectuais anda ainda na luta no respeitante à evolução social, não sendo raro topar com pessoas cursadas que entendem por socialismo dividir um homem o seu par de botas com o primeiro descalço que apareça para ficarem assim ambos com um pé calcado e outro nu. Os encrucijamentos de sindicalismo destes resumem-se no que certa imprensa propõe aqui há anos quando a organização operária portuguesa tomou certo incremento e começou a agir. Benze-se a gente perante a ignorância passional de intelectuais desta força que bêhem na imprensa cotidiana a sabença relativa ao avanço político do mundo, e aos quais um simples operário manual embarraria sem custo ao tratar-se de questões sociais.

Certo é que o facto de andar a maioria dos intelectuais às escuras não significa que as sociedades suspendam o seu movimento evolutivo. E um belo dia, quando os lunáticos menos o esperavam, produzir-se há o tremendo gesto libertador, deixando estupefactos os que não sonharam preve-lo, os que não deram fé aos inícios anunciantes, os que não curaram de preparar-se para essa nova sociedade em que, fatalmente, serão maus elementos exactamente por deficiência da educação moral e social.

Tem visto algumas vezes os chamados intelectuais trazarem de assuntos operários, de ordem económica ou política, fazendo-o, porém, por uma tam desastrada maneira que não pode a gente fazer menos que rir-se das suas paradas mal amanhadas, vazias de senso, desprovidas de acerto, e mandar cordelealmente bugiar aqueles que, devendo ser pela sua preparação científica os nossos mestres, nem sequer se mostram capazes de ser nossos discípulos.

Todavia, com que prazer acentuaria o proletariado a colaboração intelectual e lial das classes cultas, para que mais perfeita resultasse esta obra do futuro que estamos afanadamente preparando! Com que satisfação nos trabalharmos a seu lado, aparelhando o grandioso edifício do porvir, para o qual cada um daria seus materiais! Sabe-se que as ideias de emancipação operária não nos ensinaram os sábios, pois nasceram nas oficinas e nos campos, no seio das multidões que sofreram, como produto dum sentimento innato de justiça que em toda a alma humana existe. Esses mesmos explorados que conceberam a ideia de emancipação não de saber e não de poder realizá-la. Mas, em suma, com cada nova adesão sempre se perde um inimigo e arrisca-se a gente a granger algum prestígio aliado, já para as lutas esforçadas do presente, já para a fruição da harmonia de amanhã.

MUNIÇÕES
PARA "A BATALHA"

Portugal e a China

Uma demonstração militar chinesa em Macau contra os portugueses

HONG KONG, 24. - Chegaram a Chin San grandes reforços chineses, muito provavelmente com o fim de fazerem uma demonstração militar contra os portugueses, que continuam a reclamar o ilíor de Macau para se oporem à construção das fortificações da Lapa, assim como ao estabelecimento de trincheiras para além das trincheiras da cidade.

Um grande número de chineses, com receio de desordens, retira-se para Hong Kong e Canto. - H.

Misteriosa prisão

Segundo nos comunicam de Setúbal, foi preso, ontem de manhã, em Palmela, o nosso camarada Francisco Viana, membro do Comitê Confederal da C. G. T. e que, como delegado do referido organismo, havia ido tomar parte numa sessão de propaganda realizada na véspera à noite pela Associação dos Trabalhadores Rurais daquela localidade.

A prisão foi efectuada à ordem do administrador do concelho de Setúbal, desconhecendo-se por completo o que motivou semelhante violência, porque duma violência se trata.

Sindicato Único dos Empregados no Comércio

Com a presença de delegados da Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio, Associações dos Bancos e Câmbios, Caixeiros, Empregados de Escritório, União dos Empregados no Comércio e Empregados Menores do Comércio e Indústria, efectuou-se ontem a reunião anunciada para tratar da organização do Sindicato Único, a que duma aquela organização de especialidades dão o seu franco apoio.

Depois de discutidos os pontos essenciais, resolvem procurar avisar-se com a Associação dos Caixeiros Viajantes, procurando saber qual a sua opinião sobre o assunto.

Ficou marcada para a próxima quinta-feira a nova reunião, em que serão apresentados esboços dos estatutos da nova organização, entrando-se em trabalhos práticos para que o Sindicato Único seja um facto em curto lapso de tempo.

As organizações que ainda não deram a sua adesão são, por este meio, convidadas a mandar os seus delegados à reunião para se inteirarem dos trabalhos a prosseguir.

Pessoal dos Transportes Marítimos

Na sede da C. G. T. reunião hoje, pelas 17 e meia horas, todos os operários dos Transportes Marítimos, sem distinção de classes, a fim de trarem de um assunto importante.

NA TERRA DA LIBERDADE

A questão russa

Um jornal norte-americano combate a intervenção no império moscovita

Massachusetts, 28 de Dezembro.

O Boston America, jornal burgues que se publica na grande burguesia de Boston, no dia 24 do corrente último, apresentou-nos algumas gravuras, mostrando-nos diversas posições dos soldados anti-bolchevistas que combatem na Sibéria, muitas vezes com uma temperatura de 40 graus abaixo de zero, as quais eram acompanhadas do seguinte artigo:

"Nó há muito tempo que os americanos conheciam os cosacos como os agentes da mais cruel opressão sobre a face da terra, os quais, ao serviço do czar, não hesitavam em cometer as mais bárbaras crueldades contra o desamparado povo da Rússia.

Agora, o povo russo deitou abaixo o jugo dos czares e das notabilidades, estabeleceu uma democracia, defendendo diariamente firmar a liberdade sobre o despotismo deposito.

E consentimos nós, liberais americanos, amantes da livre América, nós, que somos defensores da liberdade e da democracia, que os nossos soldados estejam combatendo na Ásia, mão a mão com aqueles cruéis cosacos, mão a mão com os imperialistas japoneses, para esmagar, destruir, o desenvolvimento da democracia russa, para restaurar os vícios despóticos dos czares e o governo.

Os soldados americanos, que deviam ser acomodados em casas estrangeiras, mas isto deu-se sem que trouxesse para nós qualquer benefício, pelo estado caótico em que se vive, porque a crápula, o relaxamento e o completo despedaçamento dos laços morais no ambiente venenoso que respiramos, transformaram o Estado nôs puro anarcionismo. E, nestas deploráveis circunstâncias, em vez de se vir a vegetar e esta tremenda crise da História destruir a lei da harmonia no comércio, na indústria e na agricultura, para fazer a certos pobres ricos, a certos ricos pobres e a todos os pobres mais pobres ainda.

Desencadeou-se a guerra europeia, que varreu como fero furacão a actividade industrial das nações beligerantes, dando origem a que, devido a depreciação da moeda, os negócios corticeiros se encaminharam dum forma favorável ao desenvolvimento da indústria no país, não cessando as encendas de cortiça manufacturada pelas casas estrangeiras; mas isto deu-se sem que trouxesse para nós qualquer benefício, pelo estado caótico em que se vive, porque a crápula, o relaxamento e o completo despedaçamento dos laços morais no ambiente venenoso que respiramos, transformaram o Estado nôs puro anarcionismo. E, nestas deploráveis circunstâncias, em vez de se vir a vegetar e esta tremenda crise da História destruir a lei da harmonia no comércio, na indústria e na agricultura, para fazer a certos pobres ricos, a certos ricos pobres e a todos os pobres mais pobres ainda.

E foi este homem à Europa como o libertador dos povos, pregando a liberdade, e estabelecendo a paz e o amor entre os homens, que poucos dias se devoravam uns aos outros, como bestas feras. Houve quem pensasse que por onde passasse o representante do povo americano, nunca mais se levantaria o misero reicheio do lar, encontrando-se hoje sem roupas e sem pão dentro da mais negra e amarga miséria, deixando à Natureza os cuidados das enfermidades. Como estranhar que, devido a esta calamidade, muitos tenham deixado o ofício, tudo fazendo prever que quase todos os corticeiros procedam de igual forma, empregando-se no que lhes aparecer? Os industriais, durante a guerra, para não aumentarem os preços do trabalho, alegravam a subida de todos os artigos necessários à fabricação de cortiça, incluindo os transportes terrestres, fretes e seguros das mercadorias devido ao risco de torpedeamento. Porém, não alegaram que a troca da moeda era bastante lucrativa para os seus negócios, nem que vendiam as mercadorias por preços exorbitantes até duplicarem, triplicarem e até quadruplicarem os seus capitais iniciais. E, por isso, podem vestir trajes de 60 escudos e botas de 25 e gastarem mais de 100 escudos por semana em comida, enquanto os seus operários andam esfomeados e descalços.

Estas são as quantias, com uma outra pequena diferença, que cobram os operários corticeiros desde Maio de 1919. Portanto, durante a guerra, vieram-se obrigados a vender e a empreender o misero reicheio do lar, encontrando-se hoje sem roupas e sem pão dentro da mais negra e amarga miséria, deixando à Natureza os cuidados das enfermidades. Como estranhar que, devido a esta calamidade, muitos tenham deixado o ofício, tudo fazendo prever que quase todos os corticeiros procedam de igual forma, empregando-se no que lhes aparecer? Os industriais, durante a guerra, para não aumentarem os preços do trabalho, alegravam a subida de todos os artigos necessários à fabricação de cortiça, incluindo os transportes terrestres, fretes e seguros das mercadorias devido ao risco de torpedeamento. Porém, não alegaram que a troca da moeda era bastante lucrativa para os seus negócios, nem que vendiam as mercadorias por preços exorbitantes até duplicarem, triplicarem e até quadruplicarem os seus capitais iniciais. E, por isso, podem vestir trajes de 60 escudos e botas de 25 e gastarem mais de 100 escudos por semana em comida, enquanto os seus operários andam esfomeados e descalços.

Estas são as quantias, com uma outra pequena diferença, que cobram os operários corticeiros desde Maio de 1919. Portanto, durante a guerra, vieram-se obrigados a vender e a empreender o misero reicheio do lar, encontrando-se hoje sem roupas e sem pão dentro da mais negra e amarga miséria, deixando à Natureza os cuidados das enfermidades. Como estranhar que, devido a esta calamidade, muitos tenham deixado o ofício, tudo fazendo prever que quase todos os corticeiros procedam de igual forma, empregando-se no que lhes aparecer? Os industriais, durante a guerra, para não aumentarem os preços do trabalho, alegravam a subida de todos os artigos necessários à fabricação de cortiça, incluindo os transportes terrestres, fretes e seguros das mercadorias devido ao risco de torpedeamento. Porém, não alegaram que a troca da moeda era bastante lucrativa para os seus negócios, nem que vendiam as mercadorias por preços exorbitantes até duplicarem, triplicarem e até quadruplicarem os seus capitais iniciais. E, por isso, podem vestir trajes de 60 escudos e botas de 25 e gastarem mais de 100 escudos por semana em comida, enquanto os seus operários andam esfomeados e descalços.

Estas são as quantias, com uma outra pequena diferença, que cobram os operários corticeiros desde Maio de 1919. Portanto, durante a guerra, vieram-se obrigados a vender e a empreender o misero reicheio do lar, encontrando-se hoje sem roupas e sem pão dentro da mais negra e amarga miséria, deixando à Natureza os cuidados das enfermidades. Como estranhar que, devido a esta calamidade, muitos tenham deixado o ofício, tudo fazendo prever que quase todos os corticeiros procedam de igual forma, empregando-se no que lhes aparecer? Os industriais, durante a guerra, para não aumentarem os preços do trabalho, alegravam a subida de todos os artigos necessários à fabricação de cortiça, incluindo os transportes terrestres, fretes e seguros das mercadorias devido ao risco de torpedeamento. Porém, não alegaram que a troca da moeda era bastante lucrativa para os seus negócios, nem que vendiam as mercadorias por preços exorbitantes até duplicarem, triplicarem e até quadruplicarem os seus capitais iniciais. E, por isso, podem vestir trajes de 60 escudos e botas de 25 e gastarem mais de 100 escudos por semana em comida, enquanto os seus operários andam esfomeados e descalços.

Estas são as quantias, com uma outra pequena diferença, que cobram os operários corticeiros desde Maio de 1919. Portanto, durante a guerra, vieram-se obrigados a vender e a empreender o misero reicheio do lar, encontrando-se hoje sem roupas e sem pão dentro da mais negra e amarga miséria, deixando à Natureza os cuidados das enfermidades. Como estranhar que, devido a esta calamidade, muitos tenham deixado o ofício, tudo fazendo prever que quase todos os corticeiros procedam de igual forma, empregando-se no que lhes aparecer? Os industriais, durante a guerra, para não aumentarem os preços do trabalho, alegravam a subida de todos os artigos necessários à fabricação de cortiça, incluindo os transportes terrestres, fretes e seguros das mercadorias devido ao risco de torpedeamento. Porém, não alegaram que a troca da moeda era bastante lucrativa para os seus negócios, nem que vendiam as mercadorias por preços exorbitantes até duplicarem, triplicarem e até quadruplicarem os seus capitais iniciais. E, por isso, podem vestir trajes de 60 escudos e botas de 25 e gastarem mais de 100 escudos por semana em comida, enquanto os seus operários andam esfomeados e descalços.

Estas são as quantias, com uma outra pequena diferença, que cobram os operários corticeiros desde Maio de 1919. Portanto, durante a guerra, vieram-se obrigados a vender e a empreender o misero reicheio do lar, encontrando-se hoje sem roupas e sem pão dentro da mais negra e amarga miséria, deixando à Natureza os cuidados das enfermidades. Como estranhar que, devido a esta calamidade, muitos tenham deixado o ofício, tudo fazendo prever que quase todos os corticeiros procedam de igual forma, empregando-se no que lhes aparecer? Os industriais, durante a guerra, para não aumentarem os preços do trabalho, alegravam a subida de todos os artigos necessários à fabricação de cortiça, incluindo os transportes terrestres, fretes e seguros das mercadorias devido ao risco de torpedeamento. Porém, não alegaram que a troca da moeda era bastante lucrativa para os seus negócios, nem que vendiam as mercadorias por preços exorbitantes até duplicarem, triplicarem e até quadruplicarem os seus capitais iniciais. E, por isso, podem vestir trajes de 60 escudos e botas de 25 e gastarem mais de 100 escudos por semana em comida, enquanto os seus operários andam esfomeados e descalços.

Estas são as quantias, com uma outra pequena diferença, que cobram os operários corticeiros desde Maio de 1919. Portanto, durante a guerra, vieram-se obrigados a vender e a empreender o misero reicheio do lar, encontrando-se hoje sem roupas e sem pão dentro da mais negra e amarga miséria, deixando à Natureza os cuidados das enfermidades. Como estranhar que, devido a esta calamidade, muitos tenham deixado o ofício, tudo fazendo prever que quase todos os corticeiros procedam de igual forma, empregando-se no que lhes aparecer? Os industriais, durante a guerra, para não aumentarem os preços do trabalho, alegravam a subida de todos os artigos necessários à fabricação de cortiça, incluindo os transportes terrestres, fretes e seguros das mercadorias devido ao risco de torpedeamento. Porém, não alegaram que a troca da moeda era bastante lucrativa para os seus negócios, nem que vendiam as mercadorias por preços exorbitantes até duplicarem, triplicarem e até quadruplicarem os seus capitais iniciais. E, por isso, podem vestir trajes de 60 escudos e botas de 25 e gastarem mais de 100 escudos por semana em comida, enquanto os seus operários andam esfomeados e descalços.

Estas são as quantias, com uma outra pequena diferença, que cobram os operários corticeiros desde Maio de 1919. Portanto, durante a guerra, vieram-se obrigados a vender e a empreender o misero reicheio do lar, encontrando-se hoje sem roupas e sem pão dentro da mais negra e amarga miséria, deixando à Natureza os cuidados das enfermidades. Como estranhar que, devido a esta calamidade, muitos tenham deixado o ofício, tudo fazendo prever que quase todos os corticeiros procedam de igual forma, empregando-se no que lhes aparecer? Os industriais, durante a guerra, para não aumentarem os preços do trabalho, alegravam a subida de todos os artigos necessários à fabricação de cortiça, incluindo os transportes terrestres, fretes e seguros das mercadorias devido ao risco de torpedeamento. Porém, não alegaram que a troca da moeda era bastante lucrativa para os seus negócios, nem que vendiam as mercadorias por preços exorbitantes até duplicarem, triplicarem e até quadruplicarem os seus capitais iniciais. E, por isso, podem vestir trajes de 60 escudos e botas de 25 e gastarem mais de 100 escudos por semana em comida, enquanto os seus operários andam esfomeados e descalços.

Estas são as quantias, com uma outra pequena diferença, que cobram os operários corticeiros desde Maio de 1919. Portanto, durante a guerra, vieram-se obrigados a vender e a empreender o misero reicheio do lar, encontrando-se hoje sem roupas e sem pão dentro da mais negra e amarga miséria, deixando à Natureza os cuidados das enfermidades. Como estranhar que, devido a esta calamidade, muitos tenham deixado o ofício, tudo fazendo prever que quase todos os corticeiros procedam de igual forma, empregando-se no que lhes aparecer? Os industriais, durante a guerra, para não aumentarem os preços do trabalho, alegravam a subida de todos os artigos necessários à fabricação de cortiça, incluindo os transportes terrestres, fretes e seguros das mercadorias devido ao risco de torpedeamento. Porém, não alegaram que a troca da moeda era bastante lucrativa para os seus negócios, nem que vendiam as mercadorias por preços exorbitantes até duplicarem, triplicarem e até quadruplicarem os seus capitais iniciais. E, por isso, podem vestir trajes de 60 escudos e botas de 25 e gastarem mais de 100 escudos por semana em comida, enquanto os seus operários andam esfomeados e descalços.

Estas são as quantias, com uma outra pequena diferença, que cobram os operários corticeiros desde Maio de 1919. Portanto, durante a guerra, vieram-se obrigados a vender e a empreender o misero reicheio do lar, encontrando-se hoje sem roupas e sem pão dentro da mais negra e amarga miséria, deixando à Natureza os cuidados das enfermidades. Como estranhar que, devido a esta calamidade, muitos tenham deixado o ofício, tudo fazendo prever que quase todos os corticeiros procedam de igual forma, empregando-se no que lhes aparecer? Os industriais, durante a guerra, para não aumentarem os preços do trabalho, alegravam a subida de todos os artigos necessários à fabricação de cortiça, incluindo os transportes terrestres, fretes e seguros das mercadorias devido ao risco de torpedeamento. Porém, não alegaram que a troca da moeda era bastante lucrativa para os seus negócios, nem que vendiam as mercadorias por preços exorbitantes até duplicarem, triplicarem e até quadruplicarem os seus capitais iniciais. E, por isso, podem vestir trajes de 60 escudos e botas de 25 e gastarem mais de 100 escudos por semana em comida, enquanto os seus operários andam esfomeados e descalços.

Estas são as quantias, com uma outra pequena diferença, que cobram os operários corticeiros desde Maio de 1919. Portanto, durante a guerra, vieram-se obrigados a vender e a empreender o misero reicheio do lar, encontrando-se hoje sem roupas e sem pão dentro da mais negra e amarga miséria, deixando à Natureza os cuidados das enfermidades. Como estranhar que, devido a esta calamidade, muitos tenham deixado o ofício, tudo fazendo prever que quase todos os corticeiros procedam de igual forma, empregando-se no que lhes aparecer? Os industriais, durante a guerra, para não aumentarem os preços do trabalho, alegravam a subida de todos os artigos necessários à fabricação de cortiça, incluindo os transportes terrestres, fretes e seguros das mercadorias devido ao risco de torpedeamento. Porém, não alegaram que a troca da moeda era bastante lucrativa para os seus negócios, nem que vendiam as mercadorias por preços exorbitantes até duplicarem, triplicarem e

